

190

Mineroduto ameaça reserva

Mais um grupo de índios tembés está ameaçado de engrossar a lista dos que correm risco de extinção. Os cerca de 45 índios da tribo que habitam a única aldeia da Reserva Indígena Turé-Mariquita - que ocupa 146 hectares do município de Tomé-Açu - estão convivendo com mais uma novidade que, na avaliação dos técnicos e indigenistas da Funai, pode trazer consequências irreparáveis para a comunidade indígena: a construção de um mineroduto de 180 km de extensão que passa a 200 metros da reserva e, principalmente, corta as fontes de água que abastecem a aldeia.

O mineroduto - que faz parte do Projeto Caulim, da empresa Pará Pigmentos - será utilizado para o escoamento de toneladas de caulim, do rio Capim para Barcarena. A obra está em andamento, mas os técnicos da Funai solicitaram à Secretaria de Meio Ambiente e Tecnologia do Pará (Sectam) que a construção do trecho próximo à Reserva Turé-Mariquita, seja iniciada somente após a conclusão do diagnóstico etno-ambiental, pela Capemar (Centro de Pesquisa do Mar), contratada para fazer o trabalho que vai apontar as medidas que devem ser adotadas para proteger os índios, depois que Funai e Pará Pigmentos firmaram um termo de compromisso.

A Reserva Indígena Tembés - habitada por cerca de 36 índios do mesmo nome e também localizada no município de Tomé-Açu, num total de 1.075 hectares - distante 14 km do mineroduto, também foi incluída no diagnóstico etno-ambiental, por estar dentro da área de alcance do Projeto Caulim.

"Uma de nossas preocupações é a questão social, porque não sabemos como os índios vão reagir a mais um elemento estranho a seus costumes", diz a agrônoma Inês Caribé, que chefia a Coordenadoria de Meio Ambiente do Departamento de Patrimônio Indígena da unidade central da Funai,



Os índios tembés estão entre as populações preocupadas com a instalação do mineroduto do projeto Caulim

em Brasília. Ontem (quinta-feira), ela participou de uma reunião com os líderes tembés da Reserva Indígena Turé-Mariquita e Tembés e os indigenistas da Administração da Funai em Belém, na sede do órgão, para apresentar aos índios a equipe que fará o diagnóstico etno-ambiental na área.

Outra preocupação dos técnicos da Funai, com a construção do mineroduto, é o acesso facilitado que pessoas estranhas aos índios tam-

bé terão à Reserva Indígena Turé-Mariquita. "É outra dor de cabeça, porque invasão de área indígena virou moda". Afirma o sertanista Raimundo Gomes do Nascimento, que administra a Funai em Belém, - unidade do órgão encarregada de prestar assistência a cerca de três mil índios distribuídos nas reservas indígenas Alto Rio Guamá, Cuminapanema, Mapuera, Acaré-Miri, Tembés e Turé-Mariquita, no Pará, e Awá-Guajará, além da al-

deia Curupiuna, no Maranhão.

O administrador da Funai lembra que, depois de muitas lutas na Justiça, o órgão conseguiu retirar seis famílias de invasores da Arca Indígena Turé-Mariquita, há cerca de três anos. "Os índios tembés precisam de paz para viver em comunidade. Só assim eles poderão resgatar os hábitos e costumes perdidos no contato com a sociedade", acredita Nascimento.